

LITERATURA E DENÚNCIA SOCIAL: RETRATOS DA VIOLÊNCIA URBANA EM *CIDADE DE DEUS*, DE PAULO LINS

Jade Cardozo Magalhães dos SANTOS

Universidade Estadual de Goiás

jcm.11@hotmail.com

Resumo: o seguinte trabalho consiste em evidenciar algumas das cenas de violência urbana presentes na ficção *Cidade de Deus*, de Paulo Lins (1997), cujo espaço principal é a favela e a temática o crime, a violência e as mazelas sociais. Trata-se de um estudo bibliográfico que possibilita a identificação e as possíveis interpretações dos elementos citadinos em obras literárias por meio das descrições da cena urbana, das personagens, de suas falas, de seus pensamentos e de seus comportamentos (experiência urbana) ao longo da narrativa. As hipóteses são as de que o espaço habitacional da favela proporciona alguns tipos de violência urbana, tais como as práticas criminosas do tráfico que vão desde a agressão verbal, psicológica, aos assassinatos e torturas sem justificativa aparente evidenciados na narrativa de Paulo Lins. Com o estudo aprofundado nessa linha de pesquisa, essas hipóteses tornam-se fatos de uma realidade que estimula a discussão crítica acerca das políticas implantadas no Brasil. Nesse caso, as favelas surgem no Rio de Janeiro como uma forma negligente do governo abrigar a população pouco favorecida na antiga capital federal. Percebe-se que essa política não foi satisfatória porque tentou sanar os problemas de espaço da cidade analisada, causando maiores problemas como a violência relatada pelas experiências individuais das personagens de *Cidade de Deus*.

Palavras-chave: *Cidade de Deus*; literatura; favela; violência urbana.

1. Violência Urbana

Com o objetivo de responder o que é a violência urbana, Nildo Viana (2012, p.7) afirma que a violência, em geral, se assume em relações sociais em que determinados grupos ou indivíduos impõem algo a outro grupo ou a outro indivíduo. A violência consiste, portanto, em uma relação de imposição. Sobretudo no trabalho é que se pode perceber a dominação de determinadas classes sociais sobre outras, de variadas formas, principalmente através do controle do Estado (Viana, 2012, p.23). É dessa forma que começam a ocorrer os conflitos, as lutas entre um grupo social e outro, devido à dominação e ao controle que ocorre na cidade, um espaço justamente de dominação e conflitos em que vence a lei do que tem mais poder.

Depois disso, ele suscita que a violência urbana é uma forma específica de violência e que o critério de classificação utilizado para ela seria o espaço, porém surgiria um problema de validade para esse critério, já que várias formas de violência urbana ocorrem também no campo. Para sanar esse problema, o autor (Viana, 2012, p.16) evidencia as marcas de um intenso e extenso controle humano sobre o espaço social da cidade, revelando-se esta como um ambiente de controle rígido constituído pelas relações sociais.

Além disso, a cidade se consolida principalmente por meio do processo de expansão da divisão social do trabalho e do desenvolvimento das forças produtivas, sendo essa uma diferença entre as cidades antigas e as cidades maiores e mais sólidas (Viana, 2012, p. 19-20).

Sendo as relações sociais opressoras em potencial de certos indivíduos e classes, a cidade passa a ser também local de conflitos devido à organização desigual desse espaço.

A obra literária analisada exhibe os descontentamentos individuais e coletivos de uma população que reage à realidade de forma violenta – mesmo que essas ações violentas não tenham legitimidade para transformar a realidade desses sujeitos – externalizando, dessa forma, a sua insatisfação diante das condições precárias de vida e de habitação.

2. Cidade de Deus: retrato da violência e do crime

Cidade de Deus, de Paulo Lins (1997), é uma narrativa que tematiza o problema das favelas cariocas, onde se multiplicam, principalmente, a miséria, a criminalidade e a violência entre grupos inimigos na disputa pelo narcotráfico no Rio de Janeiro. A história relata experiências vividas naquela cidade por diversas personagens fictícias, todavia foi inspirada na realidade do crescimento desorganizado do Rio de Janeiro, da expansão do crime organizado no conjunto habitacional homônimo e das vivências de indivíduos que, em sua maioria, estão inseridos no contexto da miséria, da criminalidade e da violência.

A violência, o crime e o constante uso de drogas ilícitas são aspectos constantes na obra. Desde os primeiros anos da infância, a maioria das personagens é integrante do crime. Já na primeira parte do livro (p.11), denominada *A História de Inferninho*, os jovens Barbantinho e Busca-Pé “fumavam um baseado” enquanto o primeiro refletia sobre o futuro, queria ser salva-vidas, pois naquele momento, à beira do rio, e sob o efeito da droga, sentia-se como um deles e tinha o desejo de salvar quantas vidas ele pudesse.

Busca-Pé, em um momento de *flashback*, recorda os primeiros tipos de violência da infância: o dia em que foi pegar bambu para uma festa junina e teve que sair correndo, para não ser atacado por cachorros que o caseiro do sítio soltara propositalmente. Logo em seguida, recorda-se do autorama que nunca pôde ter, da alegria “subitamente desfeita” (Lins, 1997, p. 12), dos tempos em que vendia pão, picolé, catava garrafas, descascava fios de cobre, vendia-os no ferro velho para dar dinheiro à mãe:

Doeu pensar na mosquitada que sugava seu sangue deixando os caroços para despelarem-se em unhas, e no chão de valas abertas onde arrastara a bunda durante a primeira e a segunda infância. Era infeliz e não sabia. Resignava-se em seu silêncio com o fato de o rico ir para o exterior tirar onda, enquanto o pobre vai pra vala, pra cadeia, pra puta que o pariu. Certificava-se de que as laranjadas aguadas-açucaradas que bebera durante toda a sua infância não eram tão gostosas assim. Tentou se lembrar das alegrias pueris que morreram, uma a uma, a cada topada que dera na realidade, em cada dia de fome que ficara para trás. (LINS, 1997, p. 12).

Nesse momento, a personagem teve o desejo de ir ao padre Júlio recolher em uma sacola os pecados confessados e refazê-los. Pensava em um dia aceitar os inúmeros convites de assaltos que lhe faziam. Posteriormente, refletia sobre os “caretas” - pessoas das quais ele não gostava por serem contrários ao uso da maconha.

Ao longo da narrativa, surgem sinais de uma violência aparentemente “natural” naquele espaço urbano: enquanto Busca-Pé e Barbantinho se erguem para ir embora, a água do rio fica tingida com o sangue de um novo defunto que se aproxima, arrastado pelas águas, vestido de calça Lee, tênis Adidas e coberto por sanguessugas.

É evidente que, naquela realidade, a guerra era a soberana de todas as horas, “era aquela que vinha a obrigar bala perdida a se alojar em corpos inocentes” (Lins, 1997, p.14), fazendo com que Busca-Pé chegasse até sua casa com sentimento de profundo desespero, invocando as entidades de seu credo a fim de sossegá-lo.

A história da maior parte das personagens é arraigada pelo descontentamento ante as suas situações existenciais. Inferninho é uma personagem que, quando se recorda da família, sente-se revoltado pelo pai que vivia sempre embriagado; a mãe ser uma meretriz e o irmão, Ari, homossexual. Além disso, havia a recordação do dia em que colocaram fogo no barraco de sua família, que mataram a avó Benedita queimada, causando-lhe mais vontade de fazer mal aos outros, de “matar toda aquela gente branca, que tinha telefone, carro, geladeira, comia boa comida, não morava em barraco sem água e sem privada” (Lins, 1997, p.23) por sentir que todas as pessoas tinham culpa da infelicidade que era sua existência.

Por optarem pela vida do crime, a maioria das personagens era perseguida constantemente pela polícia, que queriam vivos ou mortos os traficantes e os demais delinquentes que, igualmente, planejavam suas ações (roubos, furtos, tráfico e assassinatos) o tempo todo. Um policial muito citado no decorrer da narrativa era conhecido como Cabeça de Nós Todo, um policial militar que “não desistia de agarrar ou matar Tutuca” (Lins, 1997, p. 28). Além disso, quando era o dia de plantão desse policial, os bandidos tinham maior cuidado ao saírem pelo conjunto habitacional, pois Cabeça de Nós Todo “era astuto como o Diabo e conhecia bem o conjunto” (Lins, 1997, p. 30).

Outra forma de violência presente na obra era a atitude de intimidação que se dava entre os novos moradores da Cidade de Deus. Quanto mais negativa fosse a reputação da favela de onde vinham, mais fácil era para intimidar as outras pessoas (Lins, 1997, p.31-32). Havia ainda as pessoas que não se adaptavam a essa nova sociedade, foi o caso de Tutuca, Inferninho e Martelo, personagens que só se aproximaram por já terem se conhecido por meio da vida criminosa.

Além de conviverem em um conjunto habitacional em que não havia segurança e condições socioeconômicas favoráveis, a população carecia também de educação. Isso é notável quando Barbantinho e Busca-Pé saem da escola por falta de professor e falta para as personagens instrução e cuidado familiar. Acerola sai de casa para fumar um “baseado”, fingindo se arrumar para ir à escola (Lins, 1997, p. 39).

São nessas mesmas condições de carência que a violência é gerada “naturalmente” no decorrer da ficção:

Tinha de mandar dinheiro para a mãe [...] O bicho-solto entrou na primeira birosca que viu, não tinha tempo para escolher uma parada boa para achacar. Com o revólver de cão para trás ordenou:
– Todo mundo quietinho aí! Vai botando tudo pra fora senão o bicho pega!
[...] Por não ser atendido de pronto, Inferninho acertou em cheio um tapa no rosto do que lhe era mais próximo e ordenou que colocassem os pertences no balcão. (LINS, 1997, p. 41)

Inferninho, uma das personagens da narrativa, tinha em mente que teria tudo o que desejasse. Tudo ele conseguiria por meio de suas mãos, de sua atitude de “sujeito homem”, estava disposto a matar, a encarar qualquer pessoa, não tinha medo nem de policial. Contava com a “pombagira” e sonhava com “a boa”, que para os bandidos seria uma grande conquista de ascensão socioeconômica por meio da vida criminosa (Lins, 1997, p. 42). Assim como ele, outras personagens aderem ao crime como uma alternativa de vida ou uma escapatória da realidade indesejada.

Quando a avó da personagem supracitada morre, ele decide que não viveria mais sem as condições financeiras que almejava. Mesmo sendo criança, Inferninho já havia se envolvido com os bandidos do conjunto habitacional: escondia armas, endolava maconha e assim ia se integrando mais no crime. Para ele, trabalhar como qualquer outro cidadão era como ser escravo, não queria receber ordens de “branco”:

Na verdade a morte da avó serviu somente de atenuante para seguir o caminho no qual seus pés já tinham dado os primeiros passos, porque, mesmo se a avó não morresse assassinada, seguiria o caminho que para ele significava não se submeter à escravidão. Não, não seria otário de obra – deixava essa atividade, de bom grado, para os paraíbas que chegavam aqui morrendo de sede. (LINS, 1997, p.43)

As mulheres também começavam a roubar desde cedo, um exemplo disso é a personagem Berenice que, desde criança, roubava alimentos nos mercados do Leblon e de Ipanema. Mais tarde, passou a roubar dinheiro e joias das mulheres na feira da Zona Sul (Lins, 1997, p.47). Inho é uma personagem que se inspira nos bandidos mais enérgicos do conjunto, como Inferninho e Grande. Ao se tornar homem, adota outro nome (Zé Miúdo) e passa a ser muito mais temido que os antigos bandidos, tornando-se a personagem mais violenta da história.

Ainda criança, ao planejar um assalto ao motel, Inho aguardava fora do local enquanto os pensamentos de revolta vinham à tona:

Gostava de ser bandido, tinha sede de vingança de alguma navalhada que a vida fizera em sua alma, queria matar logo um montão para ficar famoso, respeitado assim como Grande lá na Macedo Sobrinho. Alisava o revólver como os lábios alisam os termos da mais precisa premissa, aquela capaz de reduzir o silogismo a um calar de boca dos interlocutores. (LINS, 1997, p.64-65)

Contudo, o desejo das personagens supracitadas de um dia mudarem o rumo de suas vidas por meio do crime não sai do campo ilusório. Inferninho é exemplo dessa situação: personagem que se envolveu, logo na infância, em assaltos, tráfico e práticas criminosas, que, já na juventude, foi assassinado pelo personagem detetive Belzebu – outra personagem violenta e gananciosa que busca um cargo melhor na polícia e, para isso, procura ser o mais violento possível, como o foi, anteriormente, o policial denominado Cabeça de Nós Todo.

3. O Processo de Favelização no Rio de Janeiro

Assim como ocorreu a planificação urbana no período da revolução industrial inglesa, cuja população do campo foi expulsa para o meio urbano com o objetivo de implantar, por meio dessa ação, a força de trabalho necessária para as indústrias, houve também durante o processo de urbanização carioca a ação estatal na cidade do Rio de Janeiro ao deslocar a população carente para as áreas periféricas, dando-se o processo da favelização a fim de sanar o problema do crescimento populacional desordenado.

É possível perceber que tal ação foi malsucedida porque afastou dos bairros nobres e do centro da cidade a classe marginalizada da sociedade carioca que já habitava outras favelas, mas gerou diversos conflitos – como a disputa de território entre traficantes – entre a própria população moradora do conjunto habitacional, e também originou conflitos que ultrapassam a área da favela, como a violência urbana em forma de furtos, assaltos, molestamentos e agressões em geral nas outras regiões da cidade do Rio de Janeiro.

Nota-se, no contexto da ficção analisada, que a medida mais adequada e de responsabilidade principal do governo carioca não seria somente a criação de um conjunto habitacional que abrigasse a população que sofreu a destruição de suas casas, em outras favelas, onde habitavam anteriormente. Também não seria o afastamento de uma parcela da população para áreas mais distantes que resolveria a questão do desemprego, da pobreza, da

marginalidade e da violência como pode ser percebido com os relatos que compõem a obra de Paulo Lins.

Segundo Valladares (2000, p.7), que não se deteve somente às questões da insalubridade dos cortiços cariocas e da reforma de Pereira Passos do século XX, “Os estudiosos do cortiço do Rio de Janeiro mostram que essa forma habitacional correspondeu à ‘semente da favela’”, uma das hipóteses seria a de que a destruição do maior cortiço de todos, o “Cabeça de Porco”, teria como consequência a ocupação ilegal e irregular dos morros no início do século XX (conhecido como morro da Providência e, posteriormente, como morro da Favella).

Além disso, a autora discute que o mesmo discurso higienista que recaía outrora sobre os cortiços e seus moradores, volta-se contra a favela e seus habitantes, sendo condenados por sua situação e moradia. Exemplo disso foi uma iniciativa de sanear o morro da Favella, em 1907, sob a liderança de Oswaldo Cruz, cujos moradores foram intimados a saírem do local e foram sempre julgados pejorativamente conforme é dito no *Jornal do Brasil*: “As três autoridades vão trabalhar de commum acordo, para melhoria das condições hygienicas dos referidos morros, expurgando-os ao mesmo tempo das maltas de desocupados que alli existem nos referidos casebres” (VALLADARES, 2000, p. 8).

Por fim, Valladares confirma o crescimento descontrolado da população e das habitações ilegais no cenário do Rio de Janeiro. E também revela os problemas de insalubridade, segurança e infraestrutura das favelas. Por meio de relatos de jornalistas, inseridos no artigo, é possível perceber a questão das autoridades criminosas dentro da favela que “não conhece polícia, não conhece impostos, não conhece autoridades, conheceu Zé da Barra e a ele teve que obedecer” (VALLADARES, 2000, p. 11), sendo esse um dos possíveis problemas iniciais que também ajudou a intensificar a violência urbana nesse espaço social.

Considerações Finais:

Pode-se considerar que a ficção *Cidade de Deus* (1997), objeto central desse estudo, além de ser obra muito importante da literatura brasileira, denuncia os problemas sociais da favela carioca ao representar experiências cidadinas de personagens tão verossímeis às que habitam as favelas do Rio de Janeiro.

Quando é narrado o abuso de poder por parte dos policiais, na obra supracitada, fica evidente que a população daquela favela é constantemente tida como criminosa, principalmente os negros, sendo abordada de forma violenta pela polícia, e não como vítima do mau planejamento e do descaso das autoridades que governa(ra)m aquela cidade.

Os traficantes, por sua vez, reproduzem da mesma maneira a violência com que são tratados pelos mecanismos de repressão do governo, aniquilando vidas de indivíduos que buscam no crime uma forma de sobressaírem à realidade que possuem e de pessoas que vivem e trabalham honestamente dentro ou fora da favela, perpetuando essa realidade na cidade carioca.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício. *Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas no Rio de Janeiro*. In: Espaço & Debates. São Paulo: Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos, ano XIV, 1994, no.37. pp 34-46.

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PAIVA, Marcelo Rubens. *Cidade de Deus, o livro, dá voz a quem não tem mais nada*. Folha de São Paulo, São Paulo, 16 de ago. 1997.

VALLADARES, Licia. *A Gênese da Favela Carioca*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n44/4145.pdf>> Acesso em: 20 jul 2013.

VIANA, Nildo. *Violência Urbana: A cidade Como Espaço Gerador de Violência*. Edições Germinal: Goiânia, 2012.